

Vanessa Hidd Basílio¹

Paul-Michel Foucault nasceu em Poitiers, na França, em 15 de outubro de 1926. Filho, neto e bisneto de médicos, frustra a expectativa de seguir a tradição da família ao anunciar, aos 11 anos, que queria ser professor de história. Graduou-se em Filosofia na Sorbonne. Em 1949, se diploma em Psicologia e conclui seus Estudos Superiores de Filosofia, com uma tese sobre Hegel, sob a orientação de Jean Hyppolite. Em 1971, assume a cadeira de Jean Hyppolite na disciplina História dos Sistemas de Pensamento. A aula inaugural de Foucault nessa cadeira foi a famosa "Ordem do discurso", obra aqui resenhada. Foucault publicou diversas obras, dentre as mais famosas estão, História da Loucura - 1961, sua tese de doutorado na Sorbone, que o firmou como Filósofo, As Palavras e as Coisas- 1966 e Vigiar e Punir - 1975. Deixou inacabado seu mais ambicioso projeto, História da Sexualidade, que pretende mostrar como a sociedade ocidental faz do sexo um instrumento de poder, não por meio da repressão, mas da expressão. O primeiro dos seis volumes anunciados foi publicado em 1976 sob o título - A Vontade de Saber. Em 1984, pouco antes de morrer, publicou outros dois volumes: O uso dos prazeres, que analisa a sexualidade na Grécia Antiga e O cuidado de Si, que trata da Roma Antiga. Em 25 de junho de 1984, em função de complicadores provocados pela AIDS, Foucault morre. Discutido e estudado por

várias áreas do saber, Foucault mostra-se como um intelectual que, preocupado com o presente em que se encontra inserido, percorre os saberes em busca de uma crítica que subverta os esquemas de saberes e práticas que nos subjugam.

A ordem do discurso foi o tema da aula inaugural proferida por Foucault no College de France em dezembro de 1970, em substituição a Jean Hyppolite na disciplina História dos Sistemas de Pensamento. No discurso, Foucault faz considerações sobre as características da produção do discurso na sociedade,

[...] simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhes os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar sua pesada, temível materialidade (p. 9).

Durante toda a apresentação é possível perceber o Foucault homossexual, que rejeita as tradições familiares e que aprendeu, em função de todo o seu percurso de vida, a se posicionar na sociedade de maneira original.

Em seu discurso, Foucault analisa o que ele chama de os três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso: a palavra proibida, ou seja, os assuntos proibidos, os tabus, o que a instituição não permite que se

¹ Docente da disciplina Legislação Contábil; Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI. E-mail: vanessahidd@yahoo.com.br.

aborde, se fale, se comente, como o sexo e a política. Assim, é como se o discurso "longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes." (p. 9-10). Em seguida ele fala sobre a rejeição ou segregação da loucura como é o caso do discurso do louco. Desde a Idade Média, a palavra do louco não vale nada, ou é investida de estranhos poderes, mas nunca considerada dentro da ordem do discurso das instituições. O terceiro sistema de exclusão é a vontade da verdade, que ele vai se deter com mais atenção, por acreditar que os dois primeiros para esse se convergem, quando o verdadeiro é assim considerado por estar manifestado, ou afirmado, dentro da ordem das disciplinas, das instituições.

Em seguida, Foucault fala dos processos internos de controle do discurso, controle exercido pelo próprio discurso, os quais teriam um papel multiplicador, mas acabam com uma função restritiva e coercitiva. Sendo, estes controles, o comentário, a questão da autoria e da disciplina. O comentário consiste nos discursos cotidianos que se esgotam nos atos de pronunciá-los e discursos que fundamentam atos novos, tais como os textos religiosos e os textos jurídicos, em que texto primeiro e texto segundo desempenham um papel solidário. "O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado" (p. 25-26). A autoria é, de certo modo, complementar ao princípio do comentário. Não se trata do autor individual, mas "o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência" (p. 26). Quanto à disciplina, é um princípio "de controle da produção do discurso" (p. 36) que "permite cons-

truir, mas conforme um jogo restrito" e que se põe tanto para o princípio do autor quanto para o princípio do comentário. Ao do autor por definir domínios de objetos, conjunto de métodos, um corpo de proposições verdadeiras, de técnicas e de instrumentos. Ao do comentário porque põe no ponto de partida "aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados" (p. 30).

Ao tratar diretamente dos sujeitos, Foucault determina um terceiro grupo de procedimentos de sujeição de discurso que objetiva determinar as condições de funcionamento do discurso, impondo certas regras e não permitindo que todo mundo tenha acesso a ele. Primeiro Foucault destaca o ritual da palavra. Para ele, O ritual define: "a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam [...] define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso" (p. 39). As instituições de ensino, por exemplo, também funciona como uma complexa rede de rituais que perpassam a prática discursiva. A sociedade de discurso, por sua vez, trata sobre a produção e circulação de discurso em ambientes restritos. O que caracteriza tais sociedades é a exclusividade na detenção do saber. Outro procedimento destacado por Foucault são as doutrinas, elas colocam em questão tanto o sujeito do discurso quanto o discurso do sujeito. Por um lado,

[...] questiona o sujeito que fala através e a partir do enunciado, como provam os procedimentos de exclusão e os mecanismos de rejeição que entram em jogo quando um sujeito que fala, formula um ou vários enunciados inassimiláveis. (p. 42).

Por outro lado, a doutrina questiona os discursos do sujeito justamente porque é pelos discursos que se reconhece a relação do sujeito com determinada doutrina. Os discursos identificam a "pertença de classe, de

status social ou de raça, de racionalidade ou de interesse, de luta, de revoltas, de resistência ou de aceitação.” (p. 43). O último procedimento é a apropriação social dos discursos. Neste ponto, os sistemas de ensino têm lugar privilegiado, pois são eles os grandes responsáveis por tal apropriação, o acesso ao saber. Como o próprio Foucault afirma,

A maior parte do tempo, eles [os rituais da palavra, as sociedades de discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais] se ligam uns aos outros e constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que nos falam diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos. Digamos, em uma palavra, que são esses os grandes procedimentos de sujeição do discurso. (p. 44).

Se quisermos analisar as condições do jogo e seus efeitos, Foucault se propõe tomarmos três decisões: Questionar nossa vontade de verdade - proposta de uma verdade ideal como lei do discurso e uma racionalidade imanente como princípio de seu desenvolvimento. Para Foucault, o modo ocidental de pensar tomou cuidado para que o discurso ocupasse o menor lugar possível entre o pensamento e a palavra. Em seguida, propõe restituir ao discurso seu caráter de acontecimento – segundo Foucault, o discurso nada mais é do que a manifestação de uma verdade nascendo diante de nossos próprios olhos “e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso [...] isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar a interioridade silenciosa da consciência de si” (p. 49). Por fim, propõe suspender a soberania do significante. Para isso, o autor propõe que o discurso deve ser orientado pelos seguintes princípios: inversão, descontinuidade,

especificidade e exterioridade.

A partir destes princípios, Foucault propõe duas perspectivas. De um lado, a perspectiva crítica que põe em ação o princípio de inversão, procurando distinguir as formas de exclusão, de limitação e de apropriação do discurso, mostrando como é que se formaram, a que necessidades respondem, como é que se modificaram e deslocaram, qual o constrangimento que exerceram efetivamente, e em que medida que foram modificados. De outro lado, a perspectiva genealógica se propõe a questionar como é que se formaram as séries de discurso, se por intermédio, se com o apoio, ou apesar dos sistemas de exclusão, qual foi a norma específica de cada série de discursos e quais as suas condições de aparecimento, de crescimento e de variação.

Finalizando seu discurso, Foucault agradece e mostra a importância de outros pensadores e professores para o seu trabalho. Agradece em especial e faz uma homenagem a seu maior mestre, Jean Hyppolite:

Se não me sinto a altura de sucedê-lo, sei, em contrapartida, que se essa felicidade nos fosse dada, eu seria, esta tarde, encorajado por sua indulgência. E compreendo melhor porque eu sentia tanta dificuldade em começar há pouco. Sei bem agora qual era a voz que eu gostaria que me precedesse, me convidasse a falar e habitasse meu próprio discurso. Sei o que havia de tão temível em tomar a palavra, pois eu a tomava neste lugar de onde o ouvi e onde ele não mais está para escutar-me. (p.79).

Durante seu discurso, é possível perceber nas palavras de Foucault, uma mistura de idéias que, pode-se dizer, são influenciadas por aspectos de sua vida pessoal, como a sexualidade, por exemplo. Sua relação com a homossexualidade pode ser percebida no aspecto da interdição do discurso - no caso, do tabu - e também no ritual. Para Foucault, foi impossível exercer seu papel de filho de

médico por não cumprir o “ritual” da heterossexualidade. Assim como não foi possível, para ele, assumir abertamente sua condição na academia, visto que esse comportamento também não obedecia aos “rituais” da instituição em que servia.

Percebe-se sua relação com a medicina através das questões da disciplina, da doutrina, do verdadeiro, do ritual, em relação à ordem do discurso. Uma relação crítica e privilegiada, já que Foucault conhece sua ordem de funcionamento, pela forte presença em sua família.

Com total apropriação de conteúdo, as palavras de Foucault, ao percorrer todos os procedimentos que controlam os discursos na sociedade, comprovam que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder do qual queremos nos apossar.” (SIQUEIRA, 2000).

Se pararmos para refletir, vemos que o discurso de Foucault é extremamente atual. Em nossa sociedade, somos obrigados a nos sujeitar aos procedimentos da “instituição”, a cumprir as exigências do “ritual” para termos direito ao discurso e para sermos ouvidos. Todos os procedimentos de controle do discurso estabelecidos por Foucault podem ser aplicados no nosso dia-a-dia. As sociedades sempre terão seus controles de produção do discurso, e para percebermos o que nele está entremeado e não está à mostra, torna-se paradigmático a análise do discurso a partir da metodologia proposta por Foucault.

Poderíamos, através dos currículos escolares, estabelecer a análise proposta por Foucault como um hábito. Dessa forma, o aluno aprenderia desde cedo a pensar, a estabelecer suas próprias relações, associações e questionamentos.

Partindo desse raciocínio, é pertinente perguntarmos: como serão propostos os novos discursos no contexto educacional? Como

serão analisados os acontecimentos atuais e modificados os procedimentos de apropriação dos discursos, dos saberes e dos poderes? Será que o papel do educador é somente validar o “status quo”, conforme se refere o educador argentino Tamarit? Vale a pena refletir sobre essas questões.

Assim, a leitura desta obra, em que Foucault expõe a estruturação do pensar e da fala como discurso, enquanto manifestação de sentido e significado legitimado ou não por um contexto sociopolítico e cultural da existencialidade humana, consideramos como relevante nos diversos campos de conhecimentos que constituem as humanidades e nas diversas organizações que têm a formação humana como finalidade. A obra se reveste de extrema importância para todos, enquanto sujeitos sociais determinados pela condição de classe e determinados também pelo próprio discurso, e o grande desafio está na capacidade de analisar criticamente o discurso. Para isto, Foucault contribui de forma admirável. Deveria ser leitura considerada necessária para o segmento docente, que faz do discurso poderoso instrumento de dominação, ou de conscientização em pouquíssimos casos e ocasiões.

Para a resenhista, a leitura foi, além de um exercício didático, uma oportunidade impar para apropriação das idéias deste pensador contemporâneo, atual, carregado de sentido no que pensa, fala e expressa na escrita, neste mundo tão institucionalizado por poucos, tão acabado e ordeiro para muitos.

Referência

SIQUEIRA, Teresa C. B. Uma genealogia da ordem do discurso em Michael Foucault. **Revista Educativa**, Goiânia, Go, v. 3, p. 159-164, jan-dez 2000. Disponível em: < http://areia.ucg.br/site_docente/edu/teresa_cristina/pdf/genealogia.pdf > Acesso em: 21 jan 2008.